

Martin Gilbert

A SEGUNDA
GUERRA
MUNDIAL

Tradução de
Ana Luísa Faria
Miguel Serras Pereira

6.^a edição



Índice

Agradecimentos	9
1. A invasão da Polónia pela Alemanha, Setembro de 1939	11
2. A Polónia derrotada, Outubro de 1939	28
3. Guerra na Finlândia, Novembro de 1939	48
4. O campo de batalha escandinavo, Inverno de 1939-1940	64
5. A ofensiva alemã no Ocidente, Maio de 1940	93
6. Dunquerque, Maio de 1940	110
7. A Batalha da França, Junho de 1940	121
8. A agonia francesa e a determinação inglesa, Junho-Julho de 1940	143
9. A Batalha de Inglaterra, Agosto-Setembro de 1940	160
10. «A guerra está ganha!» (Hitler), Outubro de 1940	171
11. A «nova ordem da tirania» (Roosevelt), Inverno de 1940-1941	185
12. A guerra alastra, Janeiro-Março de 1941	211
13. A conquista alemã da Jugoslávia e da Grécia, Abril de 1941	225
14. A queda de Creta; a guerra em África, Abril-Maio de 1941	239
15. A invasão da União Soviética pela Alemanha, Junho de 1941	265
16. Terror no Leste, Julho-Agosto de 1941	281
17. Em direcção a Leninegrado, Moscovo e Kiev, Setembro de 1941	301
18. A União Soviética contra a parede, Setembro-Outubro de 1941	319
19. «Decidindo o destino da Europa» (Hitler), Novembro de 1941	333
20. Os limites da conquista alemã, Dezembro de 1941	344
21. O Japão ataca, Dezembro de 1941	359
22. «Já não estamos sós» (Churchill), Ano Novo de 1942	376
23. Guerra total, Fevereiro-Abril de 1942	394
24. A expansão da resistência e do terror, Verão de 1942	425
25. Vitórias do Eixo, Julho de 1942	443
26. Guadalcanal, Dieppe, El Alamein, Agosto-Setembro de 1942	459
27. A Batalha de Estalinegrado e a Operação «Torch», Setembro-Outubro de 1942	477
28. A mudança de maré a favor dos Aliados, Inverno de 1942	503
29. Casablanca: ensaio para a vitória, Janeiro de 1943	514
30. Os exércitos alemães em perigo, Fevereiro de 1943	528
31. «Atirar o inimigo para o mar» (Montgomery), Primavera de 1943	545
32. «A primeira brecha no Eixo» (Roosevelt), Verão de 1943	564
33. A Alemanha e o Japão em retirada, Outono de 1943	593

34. «Sangrar até à morte no Leste» (Goebbels), Inverno de 1943	617
35. Anzio, Cassino, Kwajalein, Janeiro-Fevereiro de 1944	634
36. Bombardeamentos, deportações, assassinio em massa, Fevereiro-Março de 1944	655
37. Resistência, sabotagem e logro, Primavera de 1944	677
38. O Dia D, Junho de 1944	692
39. A Alemanha cercada, Julho de 1944	710
40. As batalhas da Polónia e de França, Verão de 1944	726
41. O agridoce caminho da libertação, Outono de 1944	739
42. No interior da Alemanha e rumo às Filipinas, Setembro de 1944	758
43. Lutando palmo a palmo, Inverno de 1944	775
44. Bombas voadoras, pilotos suicidas, marchas da morte, Janeiro de 1945	811
45. Em direcção a Berlim e Manila; contra Dresden e Tóquio, Fevereiro-Março de 1945	825
46. O Eixo desbaratado; os Aliados em conflito, Março-Abril de 1945	845
47. As mortes de Roosevelt, Mussolini e Hitler, Abril de 1945	855
48. O fim da guerra na Europa, Maio de 1945	878
49. A Alemanha derrotada, o Japão insubmisso, Maio-Julho de 1945	889
50. Alamogordo, Potsdam e Hiroshima, Julho-Agosto de 1945	904
51. A derrota do Japão, Agosto de 1945	916
52. Retribuição e memória, 1945-1952	922
53. «Um caso interminável», 1953-1989	943
Bibliografia	963
Mapas regionais	981
Índice remissivo geral	1003

Agradecimentos

Na preparação deste livro fui auxiliado por muitas pessoas que me forneceram material histórico e responderam às minhas variadas inquirições ou que me encaminharam para fontes documentais. Pela ajuda em várias questões de detalhe histórico fico grato a Olivier Everett, bibliotecário dos Royal Archives, e a Pamela Clark, arquivista. Ao longo de muitos anos, fui particularmente ajudado pelo Dr. Christopher Dowling, conservador do Department of Museum Services, do Imperial War Museum de Londres, e, em tudo o que diz respeito aos serviços de rastreio de emissões e a muitos aspectos da história militar, naval e aérea, por Edward Thomas, cuja boa vontade em guiar os meus passos muito apreciei.

Numa vasta gama de assuntos históricos, recebi também considerável ajuda de Winston G. Ramsey, fundador e editor da revista *After the Battle* e pioneiro do retorno aos locais dos episódios da guerra e sua exploração.

Fico em dívida para com Larry Arnn, presidente do Claremont Institute for the Study of Statesmanship and Political Philosophy, e aos seus colegas Steven Lenzer e Daniel C. Palm pelas numerosas respostas a perguntas sobre os Estados Unidos.

Por responderem aos meus pedidos de informação e de material, devo agradecer a Rupert Allason (Nigel West); Ralph Amelan, Jerusalem Post Archives, Jerusalém; F. Bartlett Watt; Mikhail Beizer; Jeremy Carver; Alan Clark; Reuven Dafni, vice-presidente, Yad Vashem, Jerusalém; Kingston Derry; Barbara Distei, KZ-Gedenkstätte Dachau, Museu, Arquivo, Biblioteca; John Doble; Professor John Erickson, Defense Studies, Universidade de Edimburgo; Professor M. R. D. Foot; Birthe N. Fraser, Embaixada da Dinamarca, Londres; Nechama Gal, Yad Vashem, Jerusalém; Professor Yoav Gelber, Universidade de Haifa; Katherine Hafner; Peter Halban; Lizzie Haugbyrd, Embaixada da Dinamarca, Londres; Dr. Cameron Hazlehurst; Dr. Hugo Hungerbuhler, arquivista municipal, Zurique; Barbara Jones, Registo de embarques da Lloyd's; Alexander Kitroeff, Centre for Byzantine and Modern Greek Studies, Queen College, City University de Nova Iorque; Serge

Klarsfeld; George Klein, Holocaust Memorial Commission, Nova Iorque; Igor Kotler; Dr. Samuel Krakowski, Yad Vashem, Jerusalém; Anita Lasker-Wallfisch; Wim van Leer; Norman Longmate; Lorraine Macknight, curador, Australian War Memorial, Camberra; H. V. S. Manral, The High Commission of Índia, Londres; Mrs. M. Milosavljevic, Embaixada da Jugoslávia, Londres; Kenneth Murphy, arquivista do Guardian; G. W. Peters, Embaixada de França, Londres; Heidi Potter, Japan Information Centre, Embaixada do Japão, Londres; David Pryce-Jones; Giorgio Guglielmino, Consulado Geral da Itália, Londres; F. de Rochemont, Instituto Estatal Holandês para a Documentação da Guerra, Amsterdão; Mikhail Salman; Eileen Schlesinger; monsenhor C. Sepe, Secretaria de Estado, Vaticano; Michael Sherbourn; Professor Shoji, War Archives Office, Tóquio; major H. Støvern, Embaixada da Noruega, Londres; Mrs. C. Laken, Embaixada da Holanda, Londres; Jean Ring; tenente-coronel George Sunderland, Royal Army Medical College, Londres; W. Tobies, Embaixada da República Federal da Alemanha; A. Vanhaecke, arquivista, Service des Archives, Le Havre; Kurt Vonnegut.

Pela ajuda na selecção dos muitos milhares de folhas de material, estou em dívida para com Jessica Wyma. Tim Aspden transformou os meus esboços de mapas em mapas de mais alta qualidade. A dactilografia do manuscrito deste livro assim como dos manuscritos que o precederam durante mais de uma década foi feita por Sue Rampton. Toda a correspondência e mais dactilografia foi da responsabilidade de Kay Thomson. A versão final do livro teve a revisão especializada de Peter James.

Em todas as fases, desde a concepção, fui sempre encorajado pelo meu editor, David Roberts, e por Ben Helfgott, um sobrevivente do Holocausto, que me apoiou com a sua notável sabedoria e conhecimentos.

Como em todos os meus livros anteriores, é à minha mulher Susie que devo a revisão meticulosa do texto e a determinação para chegar ao fim deste meu projecto de uma história da Segunda Guerra Mundial que cobrisse todas as diversas zonas de conflito e o sofrimento, heroísmo e sucesso dos seus soldados e civis.

Merton College,
Oxford
8 de Maio de 1989

A invasão da Polónia pela Alemanha Setembro de 1939

A Segunda Guerra Mundial conta-se entre os conflitos mais devastadores da história da humanidade: mais de quarenta e seis milhões de militares e civis pereceram, muitos deles em circunstâncias de uma crueldade prolongada e terrível. Nos 2174 dias de guerra, que decorreram entre o ataque da Alemanha à Polónia em Setembro de 1939 e a rendição do Japão em Agosto de 1945, a esmagadora maioria dos que morreram, quer na frente de batalha quer na retaguarda, tinham nomes e rostos obscuros, excepto para as poucas pessoas que os conheciam ou os amavam; mas em muitos casos, que talvez também atinjam uma cifra de milhões, até mesmo os que em anos posteriores poderiam ter recordado uma vítima foram eliminados. Não foram apenas quarenta e seis milhões de vidas que foram aniquiladas, mas a vida e a vitalidade vibrantes que elas tinham recebido como herança e poderiam ter legado aos seus descendentes: uma herança de trabalho e alegria, de luta e criatividade, de saber, esperanças e felicidade, que ninguém viria a receber ou a transmitir.

Inevitavelmente, e porque foram quem mais sofreu com a guerra, são esses milhões de vítimas que preenchem boa parte destas páginas. Por muitas que possam ser — e são-no — nomeadas, é a tragédia dos homens, mulheres e crianças anónimos o mais amargo legado da guerra. Há coragem, também, nestas páginas: a coragem dos soldados, marinheiros e aviadores, a coragem dos guerrilheiros e resistentes e a daqueles que, famintos, nus e sem forças nem armas, foram enviados para a morte.

Quem foi a primeira vítima de uma guerra que viria a fazer mais de quarenta milhões delas? Um prisioneiro desconhecido de um dos campos de concentração de Adolf Hitler, com toda a probabilidade um criminoso de direito comum. Numa tentativa de apresentar a Alemanha como vítima inocente de uma agressão polaca, vestiram-lhe um uniforme polaco, levaram-no para a cidade fronteiriça alemã de Gleiwitz, e a Gestapo abateu-o na noite de 31 de Agosto de 1939, na estranha encenação de um «assalto polaco» à estação de rádio local. Na manhã seguinte, quando as tropas alemãs começaram a entrar na Polónia, Hitler apresentou, como um dos motivos que justificavam a invasão, «o ataque ao retransmissor de Gleiwitz por tropas regulares polacas».

O episódio de Gleiwitz, numa homenagem ao chefe das SS que colaborou na sua preparação, recebeu o nome de «Operação Himmler». Nessa mesma noite de 31 de Agosto, a nação que menos de uma semana antes se fizera aliada da Alemanha, a União Soviética, conseguiu finalmente derrotar os japoneses na fronteira com a Mongólia, quando as forças soviéticas, comandadas pelo general Zhukov, venceram as últimas resistências do 6.º Exército japonês em Khalkhin Gol. Enquanto terminava uma guerra tinha início uma outra, a que ficou na história com o nome de Segunda Guerra Mundial.

A ofensiva alemã de 1 de Setembro de 1939 na Polónia não foi uma repetição das tácticas da Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, em que as unidades de infantaria, avançando em direcção umas às outras até ficarem encurraladas numa linha de trincheiras, organizaram depois uma série de ataques contra um inimigo firmemente instalado nas suas posições. O método de Hitler foi a *Blitzkrieg* — guerra-relâmpago. Primeiro, e sem qualquer aviso prévio, uma série de ataques aéreos destruíram no solo boa parte da força aérea do país agredido. Em segundo lugar, os bombardeiros visaram as comunicações rodoviárias e ferroviárias, os quartéis e depósitos de munições, e os centros urbanos, lançando a confusão e o pânico. Em terceiro lugar, os bombardeiros de mergulho localizaram as colunas de tropas em marcha e bombardearam-nas sem quartel, enquanto os aviões de combate metralhavam os refugiados civis que procuravam fugir dos soldados invasores, lançando o caos nas estradas e impedindo o avanço da defesa polaca.

Se a *Blitzkrieg* veio, antes do mais, do céu, também veio por terra; primeiro, em vaga após vaga de infantaria motorizada, tanques ligeiros e autometralhadoras, avançando até tão longe quanto possível. Em seguida, tanques pesados para penetrar nas zonas rurais mais remotas, flanqueando as cidades e os pontos fortificados. Por fim, depois de tantos estragos feitos e tanto território percorrido, a infantaria, os soldados a pé de todas as guerras, mas fortemente apoiada pela artilharia, avançou para ocupar as áreas já invadidas, para debelar as resistências que subsistissem ainda e para fazer a ligação com as unidades motorizadas do assalto inicial.

Vinte e quatro horas após o ataque alemão à Polónia, um comunicado oficial do governo polaco relatava que 130 polacos, dos quais doze eram soldados, tinham sido mortos em ataques aéreos a Varsóvia, Gdynia e várias outras cidades. «Dois bombardeiros alemães foram abatidos e os quatro ocupantes, miraculosamente ilesos, foram presos», dizia o comunicado, «quando uma formação de quarenta e um aviões alemães surgiu sobre a zona leste de Varsóvia na tarde de sexta-feira. A população assistiu a uma emocionante batalha aérea sobre o coração da cidade. Várias casas foram incendiadas e o hospital para crianças judias deficientes foi bombardeado e destruído.»

Na manhã de 2 de Setembro, aviões alemães bombardearam a estação de caminho-de-ferro da cidade de Kolo. Na estação estava um comboio de refugiados civis evacuados das cidades fronteiriças de Jarocin e Krotoszyn; 111 deles morreram no ataque.

O objectivo de Hitler ao invadir a Polónia não era apenas recuperar os territórios perdidos em 1918. Era também seu intento sujeitar a Polónia ao jugo alemão. Para esse fim, ordenou que três regimentos SS com a insígnia da



A invasão alemã da Polónia, Setembro de 1939

Caveira avançassem no encalço das tropas de infantaria para imporem as chamadas «medidas de polícia e segurança» na retaguarda das linhas alemãs. Em que consistiam tais medidas foi o que explicou o comandante destes três regimentos, Theodor Eicke, aos seus oficiais reunidos numa das bases das SS, o campo de concentração de Oranienburg, nesse primeiro dia da guerra. Para proteger o Estado hitleriano, explicou Eicke, as SS teriam de «encarcerar ou aniquilar» todos os inimigos do nazismo, tarefa que representaria um desafio até mesmo para a «severidade absoluta e inflexível» que os regimentos da Caveira tinham aprendido nos campos de concentração.

Estas palavras tão premonitórias em breve se traduziram em actos: uma semana depois da invasão da Polónia pela Alemanha, já 24 000 oficiais e homens dos regimentos da Caveira estavam prontos a dar início à sua tarefa. Numa das carruagens de comboio utilizadas no transporte de tropas alemãs para Leste, alguém escreveu a tinta branca: «Vamos para a Polónia malhar nos judeus.» Não seriam só os judeus, mas também os polacos, as vítimas desta guerra na retaguarda da guerra. Dois dias depois de Eicke ter dado as suas instruções aos regimentos da Caveira, Heinrich Himmler incumbiu o general das SS, Udo von Woyrsch, de levar a cabo a «supressão radical da insurreição polaca incipiente nas zonas recém-ocupadas da Alta Silésia». A palavra «radical» era um eufemismo para «implacável».

Aldeias inteiras foram incendiadas e destruídas até aos alicerces. Em Truskolasy, a 3 de Setembro, cinquenta e cinco camponeses polacos foram cercados e abatidos a tiro, incluindo uma criança de dois anos. Em Wieruszow, vinte judeus foram reunidos na praça do mercado, entre os quais Israel Lewi, um homem de sessenta e quatro anos. Quando a sua filha, Liebe Lewi, correu para junto do pai, um alemão mandou-a abrir a boca por ter dado mostras de «falta de respeito». Depois disparou-lhe uma bala para dentro da boca. Liebe Lewi caiu morta no chão. Os vinte judeus foram em seguida executados.

Nas semanas que se seguiram, semelhantes atrocidades eram vulgares, frequentes, praticadas numa escala sem precedentes. Ainda os soldados não tinham acabado de combater e já se massacravam civis na retaguarda.

Na tarde de 3 de Setembro, bombardeiros alemães atacavam a indefesa cidade polaca de Sulejov, onde se encontrava uma pacífica população de 6500 polacos e judeus polacos acrescentada de uns 3000 refugiados. Em poucos instantes o centro da cidade estava em fogo. Quando milhares de pessoas correram para os bosques próximos em busca de abrigo, os aviões alemães, em voo rasante, dispararam as suas metralhadoras. «Quando corríamos para os bosques», lembrou o jovem Ben Helfgott, «as pessoas caíam, tinham a roupa em chamas. Nessa noite o céu estava vermelho da cidade que ardia.»

A 3 de Setembro, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. «O objectivo imediato do Alto Comando alemão», disse Hitler aos seus

comandantes, «continua a ser a conclusão rápida e vitoriosa das operações contra a Polónia.» Às nove horas dessa noite, no entanto, um submarino alemão, o *U-30*, comandado por Julius Lemp, torpedeou o paquete britânico *Athenia*, que foi tomado por um navio da Armada. O *Athenia*, que seguia de Liverpool para Montreal, largara antes da declaração de guerra britânica, com 1103 passageiros a bordo. Dos 112 passageiros que perderam a vida nessa noite, vinte e oito eram cidadãos dos Estados Unidos. Mas o presidente americano, Franklin Roosevelt, foi enfático na sua comunicação de 3 de Setembro ao povo americano: «Que nenhum homem ou mulher diga, imprudente ou enganosamente, que a América vai enviar as suas tropas para os campos europeus. Neste preciso momento está a ser preparada uma proclamação da neutralidade americana.»

Confiante numa vitória rápida, na noite de 3 de Setembro Hitler saiu de Berlim no seu comboio especial, o *Amerika*, onde viveria nas duas semanas seguintes acompanhando os episódios e recebendo felicitações pelo seu primeiro triunfo militar. O governo britânico, entretanto, pusera em acção o seu «Plano Aéreo Ocidental n.º 14», que consistia em lançar na Alemanha panfletos de propaganda antinazi. Na noite de 3 de Setembro, dez aviões atravessaram o mar do Norte e a fronteira alemã transportando treze toneladas de panfletos que seriam largados no Rur: seis milhões de folhas de papel, em que se dizia aos alemães: «Os vossos chefes condenaram-vos aos massacres, às misérias e às privações de uma guerra que não podeis ter a menor esperança de ganhar um dia.»

O primeiro bombardeamento da Alemanha por aviões britânicos teve lugar a 4 de Setembro, enquanto as tropas alemãs continuavam a avançar em território polaco, sob a protecção de uma força aérea bastante superior. Nesse dia, dez bombardeiros *Blenheim* atacaram navios e instalações navais alemães em Wilhelmshaven. Os navios não sofreram estragos de monta, mas cinco dos bombardeiros foram abatidos por antiaéreos alemães. Entre os mortos britânicos contava-se o tenente H. B. Lightoller, filho do oficial superior britânico que sobrevivera ao naufrágio do *Titanic* antes da Primeira Grande Guerra.

Na Grã-Bretanha, a notícia deste ataque aos navios de guerra alemães levantou o moral das populações. «Até vimos roupa pendurada numa corda», disse aos ouvintes da rádio o tenente da Força Aérea que conduziu o ataque. «Quando sobrevoámos o navio», acrescentou, «vimos os membros da equipagem a correr muito depressa para os postos. Lançámos as nossas bombas. O segundo piloto, que vinha atrás de mim, viu duas acertarem no alvo.» Tanto o tenente como o piloto que fizera o reconhecimento foram condecorados com a Distinguished Flying Cross.

Os pilotos britânicos tinham recebido ordens para não pôr em risco a vida das populações civis alemãs. Nesse momento da guerra, tais ordens pareciam

não apenas morais, mas possíveis de respeitar. Os comandantes alemães não tinham dado ordens semelhantes. «Estalou em toda parte uma guerrilha brutal», escreveu a 4 de Setembro o chefe dos serviços de manutenção, Eduard Wagner, «e nós estamos a esmagá-los impiedosamente. Não vamos voltar atrás. Já criámos tribunais de excepção, que estão a funcionar em sessões contínuas. Quanto mais forte for a repressão, mais depressa tornaremos a ter paz.» Essa repressão veio por terra e pelo ar; ao entrar em Piotrkow a 5 de Setembro, os alemães deitaram fogo a dúzias de casas de judeus, e depois abateram os judeus que conseguiram fugir dos edifícios incendiados. Entrando numa casa que escapara às chamas, os soldados trouxeram para o exterior seis judeus e ordenaram-lhes que corressem; cinco foram logo abatidos, e o sexto, Reb Bunem Lebel, morreu mais tarde dos ferimentos.

Muitas povoações foram incendiadas na Polónia nessa semana: milhares de pessoas sucumbiram nos incêndios, ou foram abatidas enquanto fugiam. Duas guerras grassavam simultaneamente: a da frente de batalha de homens armados e a das outrora imunes vilas e aldeias. E também no mar começara uma guerra, cujo curso viria a ser tumultuoso, não respeitando quaisquer limites. Nesse dia 5 de Setembro, os submarinos alemães afundaram cinco navios mercantes desarmados, quatro britânicos e um francês. Os britânicos não demoraram a responder: o HMS *Ajax*, em acção nesse mesmo dia, afundou dois navios mercantes alemães «de acordo com as leis da guerra», como o primeiro Lord do Almirantado, Winston Churchill, comunicou aos seus colegas do Gabinete de Guerra. Os navios mercantes não tinham parado quando intimados a fazê-lo pelos britânicos.

Todos os dias se registavam novos casos de desrespeito e desprezo pelas leis da guerra por parte dos alemães. A 6 de Setembro, num campo próximo da aldeia polaca de Mrocza, os alemães abateram dezanove oficiais polacos que já se tinham rendido, após um combate tenaz contra uma unidade blindada alemã. Outros prisioneiros de guerra polacos foram trancados no casinhoto de um chefe de estação dos caminhos-de-ferro que em seguida os alemães incendiaram. Todos os prisioneiros morreram queimados. Doravante, os prisioneiros de guerra não mais saberiam se as leis consagradas dos conflitos armados, tais como haviam sido estipuladas pelas sucessivas Convenções de Genebra, lhes seriam ou não aplicadas: as leis por que se pautava a actuação dos nazis eram completamente divergentes das que tinham sido a pouco e pouco elaboradas ao longo do século anterior.

Para os Judeus, anunciavam-se os horrores mais extremos, a serem perpetrados por este conquistador que se vangloriava de que seriam os judeus a sua principal vítima. Discursando em Berlim sete meses antes do início da guerra, Hitler declarara que, caso esta estalasse, «o resultado não seria a bolchevização da terra, com a consequente vitória da judiaria, mas sim o aniquilamento da

raça judaica na Europa.» Seis dias de guerra já tinham mostrado que o massacre dos judeus ia ser parte integrante da conquista alemã. Num gesto de desafio, o Dr. Chaim Weizmann, o velho político e promotor do Movimento Sionista, escreveu ao primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, dizendo que os Judeus combateriam ao lado das democracias contra a Alemanha nazi; a carta foi publicada no *Times* de 6 de Setembro. Nesse dia, Hitler foi conduzido de automóvel do seu comboio especial ao campo de batalha de Tucheler Heide, onde se encontrava cercado um corpo de tropas polacas. Enquanto observava a cena da batalha, recebeu uma mensagem informando-o de que as forças alemãs tinham entrado na cidade de Cracóvia, no Sul da Polónia.

A guerra tinha uma semana de duração; Cracóvia, uma importante cidade de mais de 250 000 habitantes estava sob o controlo dos alemães. No dia seguinte, 7 de Setembro, o chefe SS, Reinhard Heydrich, anunciou aos comandantes das forças especiais SS de Eicke, que se preparavam para avançar no encalço dos soldados da infantaria: «A classe dirigente polaca deve ser, na medida do possível, neutralizada. As classes inferiores, ou o que delas restar, não terão direito a medidas especiais, mas deverão ser subjugadas de uma maneira ou de outra.» Eicke dirigiu pessoalmente o trabalho destas unidades SS a partir do quartel-general instalado no comboio de Hitler, e foi nesse comboio que, a 7 de Setembro, Hitler disse ao comandante-chefe do Exército, o general Brauchitsch, que o Exército «deveria abster-se de interferir» nessas operações das SS. Tais operações eram implacáveis. No dia seguinte ao da conversa de Hitler com Brauchitsch, um batalhão SS executou trinta e três civis polacos na aldeia de Ksiazki; semelhantes execuções em breve se tornariam prática quotidiana.

Os colaboradores mais próximos de Hitler depressa compreenderam quais eram as suas intenções. A 9 de Setembro o coronel Eduard Wagner discutiu o futuro da Polónia com o chefe de Estado-Maior do Exército, o general Halder. «É intenção do Führer e de Göring», escreveu Wagner no seu diário, «destruir e exterminar a nação polaca. Mais do que isto não pode sequer ser objecto de alusões por escrito.»

A Grã-Bretanha e a França não viram grandes oportunidades de levar a cabo acções militares que se traduzissem num auxílio substancial à Polónia. A 7 de Setembro, várias unidades militares francesas atravessaram a fronteira alemã em três pontos, nas imediações de Saarlouis, Saarbrücken e Zweibrücken. Mas não chegou a haver confrontos sérios. A Frente Ocidental permaneceu tranquila. Em Londres, uma Comissão das Forças Terrestres especialmente criada no Ministério da Guerra debateu a escala do futuro esforço militar da Grã-Bretanha. Na sua primeira reunião, a 7 de Setembro, Churchill propôs a criação de um exército de vinte divisões até Março de 1940. «Temos de ocupar o nosso lugar nas linhas», disse ele, «se queremos manter coesa a Aliança e ganhar a Guerra.» No seu relatório datado do dia seguinte,

a Comissão das Forças Terrestres previa, como base para o planeamento militar britânico, que a guerra duraria «pelo menos três anos». As primeiras vinte divisões deveriam ser criadas nos doze meses seguintes, e mais trinta e cinco divisões até ao fim de 1941. Entretanto, o esforço de guerra britânico teria, necessariamente, um cunho acima de tudo defensivo: o dia 7 de Setembro assistiu à inauguração das duas primeiras carreiras de navios mercantes, escoltados por contratorpedeiros, partindo uma do estuário do Tamisa e do canal da Mancha para o Atlântico, e a outra de Liverpool também para o Atlântico.

Nesse dia, junto da cidade polaca de Lodz, uma cidade industrial a Oeste do país, decorria um último esforço das tropas polacas para sustentar o avanço alemão. As unidades de combate dos SS registaram, que à tarde, em Pabianice, «os polacos lançaram ainda um outro contra-ataque. Irromperam sobre os corpos dos seus camaradas caídos. Não avançavam com a cabeça baixa como homens que afrontam chuva intensa — e em geral a infantaria avança assim — mas sim com a cabeça levantada como nadadores sobre as ondas. Não hesitavam».

Dentro da Alemanha, aqueles que se tinham oposto aos excessos do nazismo anteriores ao início da guerra não foram menos críticos em relação à invasão da Polónia. Mas a ameaça de internamento num campo de concentração era um poderoso elemento dissuasor das críticas públicas. Antes da guerra, milhares de alemães tinham já fugido à tirania. Mesmo após o início da guerra tais fugas continuavam a ser possíveis, embora perigosas. A 9 de Setembro um dos mais destacados juristas alemães, Gerhard Leibholz, conseguiu fugir, com a mulher e duas filhas, atravessando a fronteira suíça. A mulher de Leibholz era irmã gêmea de Dietrich Bonhoeffer, pastor cujos sermões haviam sido extremamente directos na denúncia do racismo e da brutalidade. Como o pai de Leibholz era judeu, este teria tido de usar, em virtude de uma lei recentemente promulgada, um passaporte com um «J» carimbado. Foi este facto que precipitou a sua decisão de fugir.

Leibholz teve sorte; no mesmo dia da sua fuga, 630 prisioneiros políticos checos foram transportados da Boémia para o campo de concentração de Dachau, ao norte de Munique. Poucos deles sobreviveriam às duras condições de trabalho e ao tratamento brutal.

Da Polónia, a fuga era praticamente impossível. A velocidade da ofensiva alemã encurralou militares e civis. No sector de Poznan, dezanove divisões polacas — quase o mesmo número de efectivos que a Grã-Bretanha tencionava ter a postos em Março de 1940 — foram cercadas; na batalha que se seguiu, junto ao rio Bzura, 170 000 soldados polacos foram feitos prisioneiros.

Na retaguarda, as atrocidades continuavam. Em Bedzin, a 8 de Setembro, várias centenas de judeus foram levados para dentro de uma sinagoga à qual foi posto fogo. Duzentos deles morreram queimados. No dia seguinte os alemães

acusaram cinicamente os polacos deste crime, prenderam um determinado número de reféns e executaram trinta numa das principais praças públicas.

A 10 de Setembro o general Halder anotava no seu diário que um grupo de SS, depois de terem obrigado cinquenta judeus a trabalharem o dia inteiro na reparação de uma ponte, os tinham empurrado para o interior de uma sinagoga, aí os fuzilando. «Estamos agora a transmitir ordens impiedosas, que eu próprio redigi hoje», escreveu o coronel Wagner no seu diário a 11 de Setembro. «Não há nada como a pena de morte! Nos territórios ocupados não há outra solução.»

Uma das testemunhas oculares deste massacre de civis foi o almirante Canaris, chefe dos serviços de contra-espionagem alemães. A 10 de Setembro deslocou-se à frente de combate para observar o exército alemão em acção. Em todos os locais por onde passava, os seus subordinados dos Serviços Secretos falavam-lhe de «uma orgia de massacres». Relatavam eles que os civis polacos eram obrigados a cavar enormes sepulturas e depois alinhados à beira das valas e ceifados à metralhadora. A 12 de Setembro, Canaris dirigiu-se ao comboio onde estava instalado o quartel-general de Hitler, e em seguida a Ilnau, na Alta Silésia, para protestar. Avistou-se primeiro com o general Wilhelm Keitel, chefe do Alto Comando das Forças Armadas. «Informaram-me», disse Canaris a Keitel, «de que estão a ser planeadas execuções em massa na Polónia, e de que certos membros da nobreza polaca e bispos e padres da Igreja Católica foram já designados como alvos de extermínio.»

Keitel insistiu com Canaris, tentando que ele não fosse mais longe naquela questão. «Se eu fosse a si», disse, «não me metia no assunto. Esta “coisa” foi decidida pelo Führer em pessoa.» Keitel acrescentou que, desse momento em diante, todos os comandos militares alemães na Polónia teriam um chefe civil além do chefe militar. Esse civil seria encarregado daquilo a que Keitel chamou o programa de «extermínio racial». Alguns momentos mais tarde, Canaris avistou-se com Hitler, mas não disse nada. Abalado por tudo o que tinha sabido, regressou a Berlim bastante menos firme na sua lealdade a Hitler. Um opositor de Hitler desde 1933, Carl Goerdeler, antigo presidente da Câmara de Leipzig, contou a outro adversário do nazismo que Canaris regressara da Polónia «extremamente abatido» pela «brutalidade» com que a Alemanha conduzia a guerra.

Àquilo a que Keitel chamou «programa de extermínio racial» deram os seus executores uma denominação diferente. A 13 de Setembro, dia seguinte ao da visita de Canaris ao comboio de Hitler, uma das divisões SS com a insígnia da Caveira, a Divisão Brandenburgo, deu início ao que designou como «medidas de limpeza e segurança». Estas incluíam, segundo o relatório da própria divisão, a prisão e fuzilamento de grande número de «elementos suspeitos, saqueadores, judeus e polacos», muitos dos quais eram mortos

«quando tentavam fugir». Em menos de duas semanas, a Divisão Brandenburgo deixara um rasto de assassínios em mais de treze vilas e aldeias polacas.

O foco dos combates deslocava-se agora para Varsóvia, que os bombardeiros alemães tinham já vindo a atacar com considerável ferocidade. Com efeito, um dos pontos do protesto que Canaris apresentou a Keitel era a «devastação» da capital polaca. A 14 de Setembro os bombardeamentos foram particularmente intensos. Para os 393 000 judeus de Varsóvia, um terço da população da cidade, esse era um dia santo e, em geral, festivo, do seu calendário, o Ano Novo judeu. «Precisamente quando as sinagogas estavam cheias», anotou no seu diário uma testemunha ocular, «Nalewki, o bairro judeu de Varsóvia, começou a ser bombardeado. O resultado deste ataque aéreo foi sangrento.» Nesse mesmo dia, as forças alemãs entravam na cidade de Przemysl, no Sul da Polónia, onde 17 000 habitantes, um terço do total, eram judeus. Quarenta e três dos mais destacados cidadãos judeus foram logo presos, brutalmente espancados e depois abatidos; entre eles contava-se Asscher Gitter, cujo filho, como tantos outros filhos de judeus polacos, emigrara para os Estados Unidos, na esperança de que um dia o pai fosse ter com ele. Nesse dia, na cidade de Sieradz, cinco judeus e dois polacos foram mortos; em Czeszochowa, a administração civil alemã ordenou que todas as propriedades industriais e comerciais de judeus fossem entregues a «arianos», quer o dono tivesse fugido da cidade quer lá continuasse a residir; em Piotrkow, foi promulgada uma postura que proibia os judeus de permanecerem na rua depois das cinco horas da tarde; Getzel Frenkel, de vinte e sete anos de idade, ao regressar a casa às cinco e cinco, foi abatido por não ter respeitado a postura.

O Exército polaco, embora lutando tenazmente, continuava a recuar, enquanto eram bombardeadas sem quartel as vias de comunicação por onde batia em retirada para o Leste do país. Um oficial polaco recorda que a 14 de Setembro, nas imediações de Przemysl, depois de a sua divisão de infantaria ter atravessado o rio San, a aviação alemã «atacava-nos com frequência. Não havia abrigos em parte nenhuma; nada, a toda a nossa volta, a não ser aquela malfadada planície. Os soldados saíam da estrada, procurando refúgio nas valas dos campos, mas a sorte dos cavalos ainda era pior. A seguir a um dos ataques, contámos trinta e cinco cavalos mortos». A marcha para Leste, escrevia o oficial, «não parecia a marcha de um exército; mais parecia a caminhada de um povo bíblico, afugentado pela ira dos céus, a perder-se no deserto». Na manhã seguinte, em Jaroslaw, Hitler assistiu à travessia do rio San pelas forças alemãs, que perseguiram já de muito perto as tropas polacas.

Os generais de Hitler, uma vez que o Exército polaco tinha sido desbaratado, propuseram que Varsóvia, já cercada, fosse deixada sem abastecimentos até à rendição. Mas Hitler rejeitou a ideia de um cerco de longa, ou mesmo

curta, duração. A capital polaca era, insistia ele, uma fortaleza; devia ser bombardeada até à rendição.

O Exército polaco, no seu esforço para escapar aos incessantes avanços e ataques aéreos dos alemães, alimentava a esperança de se reagrupar na região oriental do país, mais precisamente nas imediações de Lvov, a mais importante cidade do Leste da Galícia. Mas, nas primeiras horas do dia 17 de Setembro, essas esperanças foram esmagadas. Desconhecida dos polacos e até mesmo dos generais de Hitler, uma cláusula secreta do Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético de 23 de Agosto traçava, no território polaco, uma linha de demarcação a Leste, da qual o controlo ficava a cargo dos russos. Nesse dia 17 de Setembro, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético Vyacheslav Molotov, numa declaração feita em Moscovo, anunciou que o governo polaco deixara de existir. Consequentemente, dizia, as tropas soviéticas tinham recebido a ordem de ocupar o Leste da Polónia. Os polacos, tão desesperadamente empenhados em fugir à ofensiva alemã, não tinham meio de resistir.

Duas colunas do Exército soviético aproximavam-se, entretanto, da linha de demarcação. Cem milhas antes de a alcançarem, encontraram tropas alemãs que, à custa de um esforço considerável, tinham conseguido penetrar nas regiões orientais da Polónia. Esses alemães retiraram-se, entregando aos russos os militares polacos que tinham feito prisioneiros. Em Lvov, foi um general soviético quem ordenou às tropas polacas que depusessem as armas.

Estas assim fizeram, sendo imediatamente cercadas pelo Exército Vermelho e conduzidas para o cativeiro. Milhares de outros polacos foram capturados pelas forças russas no seu avanço. Muitos polacos apresentaram a sua rendição aos russos, para não correrem o risco de caírem nas mãos dos alemães. Em Varsóvia, o combate prosseguia, com pesadas baixas entre os civis polacos, pois as bombas caíam constantemente. Nessa noite, no oceano Atlântico, os britânicos sofreram o seu primeiro revés naval: a perda de 518 marinheiros do porta-aviões *Courageous*, torpedeado ao largo da costa irlandesa pelo submarino alemão *U-29*, comandado pelo comandante Schuhart. Para o chefe da Marinha alemã, almirante Doenitz, foi, como o próprio escreveu no seu diário, «um magnífico sucesso». Para Churchill, como Primeiro Lord do Almirantado, era um negro aviso acerca dos perigos da guerra no mar; Churchill já tivera ocasião de ver, na Primeira Guerra Mundial, como os submarinos alemães quase tinham conseguido cortar os abastecimentos da Grã-Bretanha em alimentos e matérias-primas.

Na Grã-Bretanha, a sorte da Polónia afligia aqueles que tinham verificado a impotência dos dois aliados ocidentais para assumirem uma contra-iniciativa séria. «Pobres diabos!», escrevia um inglês, a 18 de Setembro, a um amigo então na América, «são uns magníficos combatentes, e parece-me que todos